

# XVI REUNIÃO CIENTÍFICA SÃO LUCAS

De 30 de outubro à 1º de novembro

AUDITÓRIO UNIDADE II



## MORTALIDADE POR NEOPLASIA ENCEFÁLICA NO NORTE DO BRASIL

ALENCAR, Joaquim Eduardo Figueira Farias<sup>1</sup>; SILVA, Marcelo Vinícius Pereira<sup>2</sup>, ABREU, Isabela Silva Dugué de<sup>3</sup>; SILVA, José Vítor Ferreira da<sup>3</sup>; LIMA, Ana Vitória da Costa<sup>1</sup>; TERÇAS, Giovana Cristo de Oliveira<sup>4</sup>; JUNIOR, Elizeu Augusto de Freitas<sup>1</sup>; PEREIRA, Marlison Caldas Gonçalves<sup>5</sup>

Centro Universitário Aparício Carvalho - FIMCA, Estudante de Medicina<sup>1</sup>, Centro Universitário São Lucas, Estudante de Medicina<sup>2</sup>, Faculdade Metropolitana – UNNESA, Estudante de Medicina<sup>3</sup>, Centro Universitário UNINORTE, Estudante de Medicina<sup>4</sup>, Instituto São Pellegrino, Médico Radioterapeuta<sup>5</sup>

**INTRODUÇÃO:** A mortalidade por neoplasias encefálicas é um desafio de saúde pública global, afetando tanto países desenvolvidos quanto em desenvolvimento. Estima-se que, anualmente, ocorram cerca de 240.000 novos casos e aproximadamente 180.000 mortes devido a essas neoplasias, com impacto significativo em adultos e crianças. No Brasil, essas neoplasias figuram entre as principais causas de óbito por câncer, especialmente em regiões de infraestrutura de saúde mais precária, como a Região Norte. As limitações no acesso a cuidados especializados, diagnóstico precoce e tratamentos adequados agravam o cenário, aumentando a vulnerabilidade das populações nessas áreas. A Região Norte, em particular, enfrenta uma série de desafios relacionados à sua geografia, dispersão populacional e escassez de recursos médicos. Esses fatores tornam o diagnóstico e o tratamento de neoplasias do sistema nervoso central uma tarefa complexa e frequentemente subdimensionada, contribuindo para a elevada mortalidade. A investigação sobre a mortalidade por neoplasias encefálicas nesta região visa fornecer dados essenciais para entender melhor o impacto dessa condição, auxiliando na formulação de políticas públicas mais eficazes e na alocação de recursos. **OBJETIVO:** O presente estudo teve como objetivo analisar a mortalidade por neoplasia encefálica na Região Norte do Brasil, utilizando dados demográficos e de mortalidade entre 2015 e 2023. Especificamente, buscou-se: identificar a distribuição dos óbitos por estado, sexo, cor/etnia e progressão temporal, avaliar a taxa de

mortalidade proporcional de cada estado da região e correlacioná-la com a densidade populacional, comparar a mortalidade entre homens e mulheres, bem como entre diferentes grupos étnicos, com o intuito de explorar disparidades no impacto da doença. **MÉTODOS:** Estudo retrospectivo, observacional e ecológico que abrangeram as cinco regiões do Brasil, utilizando dados do Censo Demográfico de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), com o indicador Neoplasia Maligna de Encéfalo (C71). Foram analisados os óbitos por neoplasia encefálica ocorridos entre 2015 e 2023, levando-se em conta a densidade populacional de cada região. As variáveis analisadas incluem o total de óbitos por estado, sexo, cor/etnia e progressão temporal. **RESULTADOS:** Os resultados demonstraram que, entre 2015 e 2023, ocorreram 4.222 óbitos por neoplasia encefálica na Região Norte, representando uma taxa de mortalidade proporcional de 0,024327%. O Pará registrou o maior número absoluto de óbitos (1.927), seguido pelo Amazonas (831), Tocantins (482) e Rondônia (458). Os estados com menor número de óbitos foram Acre (210), Amapá (170) e Roraima (144). No entanto, ao considerar a proporção em relação à população, Tocantins apresentou a maior taxa de mortalidade proporcional (0,075702%), enquanto o Amazonas apresentou a menor (0,021083%). A análise por sexo revelou que 53,5% dos óbitos ocorreram em homens (2.259), e 46,5% em mulheres (1.963). A maior diferença entre os sexos foi observada em 2019, com uma variação significativa de 62 óbitos a mais em homens. Em relação à etnia, indivíduos autodeclarados pardos foram os mais afetados, seguidos por brancos. As etnias preta, indígena e amarela apresentaram as menores taxas de mortalidade, com um aumento acentuado dos óbitos entre pardos e brancos no ano de 2022. **DISCUSSÃO:** Os resultados deste estudo evidenciam desigualdades regionais e demográficas significativas na mortalidade por neoplasia encefálica na Região Norte do Brasil. Estados como Tocantins apresentaram taxas de mortalidade proporcional elevadas em relação à sua população, sugerindo que a infraestrutura de saúde insuficiente e o acesso limitado a serviços especializados desempenham um papel crucial nesse cenário. A escassez de centros de referência em neuro-oncologia e a dificuldade de acesso aos poucos serviços disponíveis nas capitais afetam gravemente as populações que vivem em áreas remotas e rurais, exacerbando a mortalidade nessas regiões. A distribuição desigual de profissionais de saúde especializados, como neurocirurgiões e oncologistas, e a falta de tecnologia para diagnóstico precoce, como ressonância magnética e tomografia computadorizada, resultam em diagnósticos tardios, quando a intervenção é menos eficaz. Este fator é agravado pelas barreiras geográficas e financeiras enfrentadas por muitos pacientes que residem longe dos centros urbanos. As disparidades de gênero, com homens apresentando maior mortalidade (53,5%), são

consistentes com a literatura existente, que sugere que os homens têm uma maior predisposição para desenvolver neoplasias encefálicas, possivelmente devido a fatores biológicos e hormonais. Além disso, questões comportamentais, como a menor frequência de consultas preventivas entre homens, também podem contribuir para esse padrão, resultando em diagnósticos tardios e pior prognóstico. A análise por etnia revela que indivíduos autodeclarados pardos foram os mais afetados pela mortalidade por neoplasia encefálica, seguidos pelos brancos. Este achado ressalta a persistência das desigualdades raciais no acesso a serviços de saúde de qualidade no Brasil. Indivíduos de cor/etnia parda e preta, historicamente marginalizados, tendem a enfrentar maiores dificuldades para acessar tratamentos especializados, resultando em desfechos clínicos piores. Outro fator que merece destaque é o aumento das taxas de mortalidade observado em 2022, que pode estar relacionado ao impacto da pandemia de COVID-19. Durante a pandemia, o sistema de saúde do Brasil, já sobrecarregado, teve que redirecionar recursos e atenção para o atendimento de pacientes com COVID-19, o que levou à interrupção de serviços essenciais, como diagnósticos e tratamentos de câncer. Como consequência, muitos pacientes com neoplasias encefálicas foram diagnosticados tardiamente, e em estágios avançados da doença, quando as chances de sobrevivência são menores. Isso explica o aumento de óbitos observados especialmente entre os grupos raciais mais vulneráveis, como pardos e brancos, em 2022.

**CONCLUSÃO:** Este estudo evidenciou a elevada mortalidade por neoplasia encefálica na Região Norte do Brasil, com maior impacto entre homens e pessoas pardas. O estado do Tocantins destacou-se com a maior taxa de mortalidade proporcional, sugerindo que a infraestrutura de saúde limitada é um fator determinante nos resultados. Estes achados reforçam a necessidade de melhorias no acesso ao diagnóstico e tratamento de neoplasias encefálicas, particularmente em regiões remotas, onde as populações enfrentam barreiras consideráveis para acessar cuidados médicos especializados. Futuros estudos devem investigar em maior profundidade os determinantes sociais e o acesso ao tratamento nessas áreas, visando à formulação de políticas de saúde mais equitativas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Neoplasias Sistema Nervoso Central, Mortalidade, Epidemiologia, Região Norte, Brasil.